



MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS

DIAGNÓSTICO SÓCIO-AMBIENTAL DA MICRO BACIA QUIRIRIM – PURUBA, MUNICÍPIO DE UBATUBA-SP.

RELATÓRIO FINAL DO PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (PIBIC/CNPq/INPE)

Bruna dos Santos Silva (UNITAU, Bolsista PIBIC/CNPq).
E-mail: brunas@dsr.inpe.br

Msc. René Antonio Novaes Júnior (DSR/INPE, Orientador).
E-mail: rene@dsr.inpe.br

Julho de 2012

"O único lugar onde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário."

Albert Einstein

AGRADECIMENTOS

É importante lembrarmos-nos daqueles que estiveram ao nosso lado durante uma jornada, seja auxiliando, direta ou indiretamente, seja incentivando, por meio de atos, palavras, ou a simples, mas decisiva, presença. Assim, não posso deixar de prestar meus agradecimentos: à Deus, à minha família; ao Prof. Msc. René Antonio Novaes Junior, pelo incentivo e confiança depositada em mim; à Sra. Egidia I. Rosa, pela atenção e enorme dedicação com os bolsistas; aos meus amigos David Galdini, Luis Fernando dos Santos e Luciana Oliveira, pelas condições oferecidas para a realização desse projeto.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	04
RESUMO.....	05
1. INTRODUÇÃO.....	06
2. OBJETIVO.....	08
3. MATERIAIS E METÓDOS.....	09
3.1. Área de estudo.....	09
3.2. Materiais.....	11
4. . FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....	12
4.1. Conceitos Importantes.....	12
4.1.1. Definição de Bacia Hidrográfica.....	12
4.1.2. Porque Bacia Hidrográfica como Unidade de Planejamento.....	13
4.1.3. Geotecnologias como ferramenta de Planejamento.....	14
4.1.4. O Programa SPOT (Système Probatoire d'Observation de la Terre).....	15
4.2. Caracterização do município	16
4.2.1. Hidrografia.....	16
4.2.2. Vegetação.....	16
4.2.3. Clima.....	17
4.2.4. Geomorfologia.....	19
4.2.5. Pedologia.....	20
5. RESULTADOS INICIAIS.....	22
5.1 Mapeamento de APP's de Declividade Superior a 45° e Nascentes	28
6. PRÓXIMAS ETAPAS.....	30
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
8. ANEXOS.....	36

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fluxograma da metodologia aplicada no trabalho.....	09
Figura 2: Localização da área de estudo.....	10
Figura 3: Localização da micro- macia Quiririm-Puruba (n° 3) dentro da Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos - URGHI do Litoral Norte.....	11
Figura 4- Caracterização da bacia hidrográfica.	12
Figura 5: Recorte de mapa geomorfológico.....	20
Figura 6 Articulação das cartas IGC.....	23
Figura 7: Plano de Informação “Drenagem”	24
Figura 8: Plano de Informação “Curvas de Nível”.....	25
Figura 9: Plano de Informação “Pedologia”	25
Figura 10: Plano de Informação “Setores Censitários”.....	26
Figura 11: Plano de Informação “Geomorfologia”.....	26
Figura 12: Plano de Informação “Vegetação”.....	27
Figura 13: Plano de Informação “Imagem SPOT”.....	27
Figura 14: Plano de Informação “Declividade Superior a 45°”.....	28
Figura 15: Plano de Informação “Nascentes”.....	29

RESUMO

A bacia hidrográfica é considerada uma unidade espacial básica de estudo por constituir-se, pelo menos do ponto de vista físico, num sistema de mais fácil identificação e levantamento de suas variáveis, propiciando desta forma embasamento a uma análise mais sistêmica e integrada.

Levando esses fatores em consideração, a utilização das técnicas de geoprocessamento têm se difundido cada vez mais como uma ferramenta importante na sistematização e disposição das informações de determinadas áreas, em representações nos formatos raster, vetoriais ou cadastrais em, um banco de dados geo – referenciado possibilitando desta maneira rápido cruzamento e manipulação desses dados.

O trabalho consiste na utilização de geotecnologias no desenvolvimento de um diagnóstico sócio - ambiental da micro - bacia Quiririm - Puruba, situada em Ubatuba (SP), sendo em área a segunda maior micro – bacia da UGRHI do Litoral Norte e identificada no relatório da Fehidro como a mais preservada do município, constituindo-se portanto em prioritária manutenção dessa conservação.

Fatores como crescimento desordenado, tratamento insuficiente de esgoto, especulação imobiliária principalmente em detrimento de atividade turística, zonas de intervenção antrópica mesmo em áreas dentro da unidade de conservação, deflagram a importância da pesquisa e gestão com o objetivo de um melhor relacionamento entre o espaço analisado e as populações diretamente envolvidas.

O trabalho está sendo realizado através de levantamento bibliográfico, análise de imagens de satélite, cartas topográficas, informações cadastrais e trabalhos de campo para a aplicação de questionário sócio – econômico e posterior cruzamento das informações, culminando em mapas temáticos e o diagnóstico sócio – ambiental da micro – bacia, objeto de pesquisa.

Palavras Chave: Geotecnologias Bacia Hidrográfica Planejamento

1. INTRODUÇÃO

Segundo BASSOLI e GUAZELLI (2004) apesar do planeta terra ser constituído 70% de água, 97% desse total encontra-se nos oceanos, aproximadamente 2,4% estão na forma de gelo e atmosfera, restando apenas 0,6 % de água doce total. Desse total, 97% encontram-se nas águas subterrâneas e 3% somente nas águas superficiais, abaixo de uma profundidade de 800 metros, não disponível para consumo imediato. Isso significa que o estoque de água doce que pode ser disponibilizado de alguma forma para o uso humano é cerca de 0,3% e se encontra principalmente no solo, exatamente de onde se retira a maior parte para as mais diversas finalidades e também onde, de acordo com a Organização das Nações Unidas em PNUMA (2010), mais de 2,5 bilhões de pessoas não tem saneamento básico adequado, lançam resíduos.

Dentro desse contexto, no final dos anos sessenta, a bacia hidrográfica foi definida unidade básica de estudo e planejamento por constituir-se num sistema natural bem delimitado no espaço, auxiliando no processo de conhecimento e avaliação de seus diversos componentes e respectivas interações, possibilitando embasamento a uma análise mais sistêmica e integrada da área a ser pesquisada. (SANTOS, 2004; BOTELHO E SILVA, 2004)

A dinâmica de uso e ocupação do solo em bacias hidrográficas exige estudos para compreensão dos diversos impactos provocados pela ação antrópica e estratégias adequadas para a conservação dos recursos naturais nessas áreas. Os principais impactos ocasionados por modificações no uso e cobertura do solo em bacias hidrográficas são: a redução da capacidade de infiltração, o aumento do escoamento superficial e erosão, a sedimentação dos cursos d'água, a diminuição da profundidade do leito dos cursos d'água e, conseqüentemente, o aumento de cheias e inundações. (GROVE *et al*, 1998; CENTURION *et al*, 2001; WENDLAND, 2001 *apud* AGUIAR; TARGA e BATISTA, 2007)

Nesse ínterim a utilização das técnicas de geoprocessamento têm se difundido como uma ferramenta importante na sistematização e disposição de informações espaciais. Desta forma, é importante salientar que o nível de degradação ambiental em que se encontram as nossas bacias hidrográficas, bens imprescindíveis para as nossas vidas, decorre da falta de comprometimento ambiental e da inadequação das nossas políticas públicas, normas e falta de pessoal especializado, geraram e geram profundas vulnerabilidades ambientais em termos de impactos ao meio ambiente, que por sua vez podem ser revistos, dando o devido tempo de recuperação aos recursos naturais.

Não obstante, se essas considerações não forem adequadas ao tempo necessário que a natureza necessita, o grande perdedor da história será o homem, o maior vilão ambiental de todos os tempos, perdendo todas as suas reservas de água, solo férteis, fauna, flora, ou seja, toda a biodiversidade que é tão importante para o equilíbrio ambiental e a harmonia do nosso planeta.

2. OBJETIVO

O presente trabalho consiste no desenvolvimento de um banco de dados utilizando ferramentas geotecnologias para a geração de mapas temáticos no intuito de se obter informações que poderão auxiliar na realização de um diagnóstico socioambiental tendo como unidade espacial uma micro - bacia hidrográfica.

Nesse ínterim o trabalho propõe a compilação das variadas informações espaciais como imagens de satélite, cartas topográficas, mapas de geomorfologia, pedologia, hidrologia, cobertura vegetal, setores censitários do IBGE gerando um banco de dados cadastral, dispondo todas essas informações em um banco de dados georeferenciado. Após a finalização do banco de dados será feito um trabalho de campo para a realização de um questionário socioambiental no intuito de coletar informações a respeito da relação de uso e percepção entre a comunidade do entorno e a micro - bacia, objeto de estudo. Com esse banco de dados e a partir do cruzamento dos dados obtidos, o trabalho tem como objetivo a delimitação do limite físico da área da bacia, delimitação das áreas de preservação permanente (APP's) levando-se em consideração os aspectos relativos à declividade e drenagem, a geração do mapa de uso e ocupação do solo e a elaboração de um mapa de vulnerabilidade da área pesquisada.

O intuito do projeto é propiciar subsídios mais detalhados com informações que auxiliem as autoridades e a população local a tomar decisões que permitam intervir no espaço através da criação de políticas públicas direcionadas ao planejamento e gestão da área, bem como a melhoria do relacionamento entre o espaço analisado e as populações diretamente envolvidas. Preocupando-se também com a melhoria do modo de vida da população local, que atualmente está esquecida pela sociedade, apesar de promover um papel tão louvável que é a preservação do ambiente onde vivem. Para isso será realizado uma caracterização socioeconômica da população residente no local e, com esses dados, confeccionar um mapa da vulnerabilidade social.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

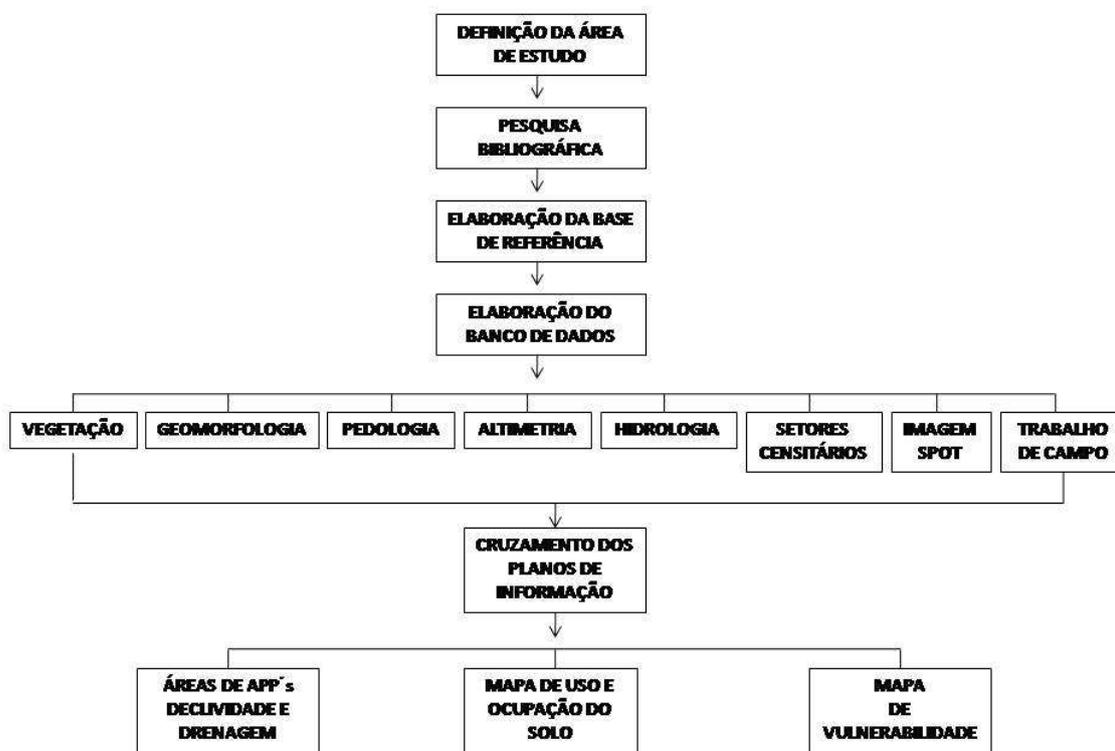


Figura 1: Fluxograma da Metodologia aplicada no trabalho.

3.1. ÁREA DE ESTUDO

A micro bacia Quiririm - Puruba, objeto de estudo, localiza-se, no município de Ubatuba, aproximadamente entre os paralelos 23°11'47'' e 23°21'23'' S e os meridianos 44°52'25'' e 45°02'21'' O (W Gr) no trópico de Capricórnio. O Rio Puruba nasce na Serra do Mar assim como o Rio Quiririm. Eles se juntam e desembocam na Praia do Puruba, Oceano Atlântico. E sua área está em parte, dentro do Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba, atingindo altitude entre 1700 m até o nível do mar.

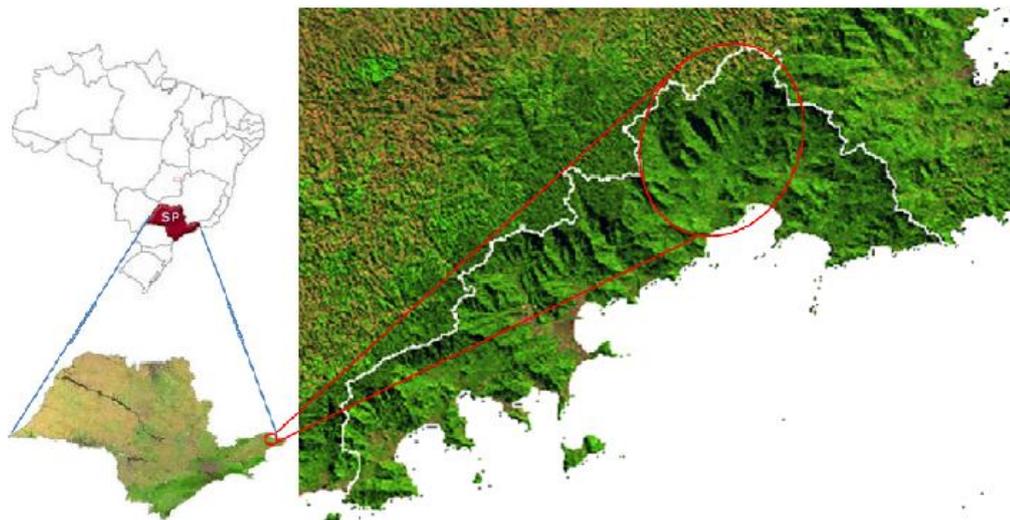


Figura 2: Localização da área de estudo.

Segundo SÃO PAULO (2000), a micro - bacia possui área de 166,70 km², sendo territorialmente a maior bacia pertencente ao município de Ubatuba e a segunda maior dentre as trinta e quatro micro - bacias que compõem a Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos - URGHI do Litoral Norte.

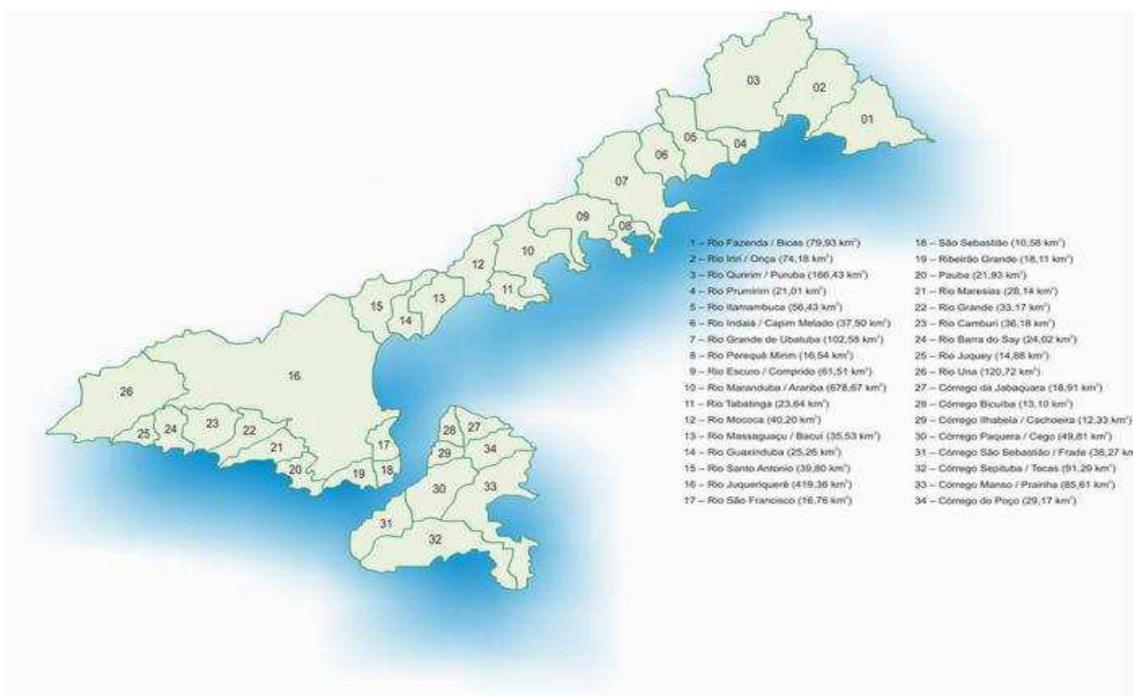


Figura 3: Localização da micro- bacia Quirim - Puruba (n° 3) dentro da Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos - URGHI do Litoral Norte.

Fonte: PORTAL DO COMITÊ DE BACIAS HIDROGRÁFICAS DO LITORAL NORTE (2011)

3.2. MATERIAIS

Para a elaboração deste trabalho foram utilizados os seguintes materiais:

- Imagem do satélite SPOT com resolução de 5m colorida, datada de 06 de julho de 2006. Proveniente do Banco de Dados Georrelacional do município de Ubatuba, cedida pelo projeto FEHIDRO 35-05 / LN 50.
- Computador com Processador Intel ® Core™i5, 4 GB de RAM;
- Software Spring 5.1.7 (Português);
- Software Microsoft Word 2007;
- GPS GARMIN Etrex Legend;

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1. Conceitos Importantes

4.1.1. Definição de Bacia Hidrográfica

O termo bacia hidrográfica refere-se a uma compartimentação geográfica natural delimitada por divisores de água. Este compartimento é drenado superficialmente por um curso d'água principal e seus afluentes (Silva, 1995). E os conceitos de bacia e sub-bacias se relacionam a ordens hierárquicas dentro de uma determinada malha hídrica (Fernandes & Silva, 1994). Ou como sendo extensões de terras delimitadas por divisores de águas e drenadas por um rio e seus tributários.



Figura 4- Caracterização da bacia hidrográfica. **Fonte:** desconhecida

Cada bacia hidrográfica se interliga com outra de ordem hierárquica superior, constituindo, em relação à última, uma sub-bacia. Portanto, os termos bacia e sub-bacias hidrográficas são relativos.

Em resumo, os conceitos de bacia e sub-bacias se relacionam a ordens hierárquicas dentro de uma determinada malha hídrica. O termo “micro - bacia”, embora difundido em nível nacional, constitui uma denominação empírica, imprópria e subjetiva. Assim, sugere-se a substituição do termo micro - bacia por sub-bacia hidrográfica, denominação mais compatível com a estratégia aqui abordada.

A bacia hidrográfica é também denominada de bacia de captação quando atua como coletora das águas pluviais, ou bacia de drenagem quando atua como uma área que está sendo drenada pelos cursos d'água (Silva, 1995). Por constituírem ecossistemas com o predomínio de uma única saída, as bacias hidrográficas possibilitam a realização de uma série de experimentos (Valente & Castro, 1981).

As bacias hidrográficas também constituem ecossistemas adequados para avaliação dos impactos causados pela atividade antrópica que podem acarretar riscos ao equilíbrio e à manutenção da quantidade e a qualidade da água, uma vez que estas variáveis são relacionadas com o uso do solo (Fernandes & Silva, 1994; Baruqui & Fernandes, 1985).

A subdivisão de uma bacia hidrográfica de maior ordem em seus componentes (sub-bacias) permite a pontuação de problemas difusos, tornando mais fácil a identificação de focos de degradação de recursos naturais, da natureza dos processos de degradação ambiental instalados e o grau de comprometimento da produção sustentada existente (Fernandes & Silva, 1994).

4.1.2. Porque Bacia Hidrográfica como unidade de Planejamento

Para SANTOS (2004) a adoção da bacia hidrográfica como unidade de planejamento é de aceitação universal. O critério de bacia hidrográfica é comumente usado porque constitui um sistema natural bem delimitado no espaço, composto por um conjunto de terras topograficamente drenadas por um curso d'água e seus afluentes,

onde as interações, pelo menos físicas, são integradas e, assim, mais facilmente interpretadas. Esta unidade territorial é entendida como uma caixa preta, onde os fenômenos e interações podem ser interpretados, a priori, pelo *input* e *output*. Neste sentido, são tratadas como unidades geográficas, onde os recursos naturais se integram. Além disso, constitui-se numa unidade espacial de fácil reconhecimento e caracterização.

De forma geral, o tamanho da bacia hidrográfica em estudo tem influência sobre os resultados. Como artifício, pode-se subdividir uma bacia hidrográfica em unidades menores por definição, a priori, das potencialidades, fragilidades, acertos e conflitos centrados nas características dessa área. Dessa maneira, setoriza-se a bacia de acordo com um critério estabelecido, cujas partes podem ou não coincidir com as bacias hidrográficas componentes da área de estudo. (SANTOS, 2004)

Ainda de acordo com a mesma autoria, uma vez desenhada a rede hidrográfica, as bacias componentes da área de estudo podem ser isoladas pelo delineamento dos divisores de água. Este procedimento pode ser feito a partir das curvas de nível, desenhando-se uma linha divisória ortogonal às curvas e em direção aos topos mais elevados (pontos cotados), em torno do curso de água principal da bacia e seus afluentes diretos. (SANTOS, 2004)

4.1.3. Geotecnologias como ferramenta de Planejamento

Segundo SILVA (2003) os Sistemas de Informações Geo-Referenciadas ou Sistemas de Informações Geográficas (SIGs) são usualmente aceitos como sendo uma tecnologia que possui o ferramental necessário para realizar análises com dados espaciais e, portanto, oferece, ao ser implementada, alternativas para o entendimento da ocupação e utilização do meio físico, compondo o chamado universo da Geotecnologia, ao lado do Processamento Digital de Imagens (PDI) obtidas através do Sensoriamento Remoto e da Geoestatística.

4.1.4. O Programa SPOT (Système Probatoire d'Observation de la Terre)

De acordo com NOVO (2008) os satélites da série SPOT fazem parte do programa espacial francês. Esse sistema foi concebido como um sistema comercial, no qual as imagens são adquiridas (gravadas e processadas) sob encomenda.

Ainda de acordo com a mesma autora, o programa SPOT teve o seu início em 1978, na França, sob a gerência da Agência Espacial Francesa – CNES em colaboração com os governos da Suécia e da Bélgica. O objetivo do programa era se capacitar para lançar vários satélites cartográficos e de recursos naturais. O primeiro satélite do programa SPOT, o SPOT-1, foi lançado em 1986. (NOVO, 2008)

	SPOT 1,2,3	SPOT 4	SPOT 5
Data de Lançamento	1 – Fev. 1986 2 – Jan. 1990 3 – Set. 1993	Março 1998	Mai 2002
Órbita	Sol-síncrona	Sol-síncrona	Sol-síncrona
Passagem pelo Equador (descendente)	10:30	10:30	10:30
Altura da órbita no Equador (km)	822	822	822
Inclinação da órbita	98,7°	98,7°	98,7°
Período Orbital	101,4 minutos	101,4 minutos	101,4 minutos
Ciclo da órbita	26	26	26
Controle de Altitude	Apontamento para a Terra	Apontamento para a Terra	Apontamento para a Terra e controle de deriva.
Peso total do satélite (kg)	1.800	2.760	3.000
Potência do painel solar (W)	1.100	2.100	2.400
Capacidade de armazenamento de dados em órbita	Dois gravadores de 60 Gbit (280 cenas)	Dois gravadores de 90 Gbit (solid-state). 560 cenas/ gravador.	Gravador 90 Gbit (solid-state). 210 cenas.
Processamento a bordo	Aquisição simultânea de duas cenas para transmissão ou gravação, com compressão dos dados pancromáticos	Aquisição simultânea de duas cenas para transmissão ou gravação, com compressão.	Aquisição simultânea de até cinco cenas; 2 para transmissão e 3 para gravação com compressão dos dados.
Telemetria (8GHz)	50 Mbps	50 Mbps	2 X 50 Mbps

Tabela: Características gerais do programa SPOT.

Fonte: NOVO, 2008.

4.2. Caracterização do Município

4.2.1. Hidrografia

De acordo com PREFEITURA MUNICIPAL DE UBATUBA (2011) a rede hidrográfica do município é rica, extremamente densa; para efeito de classificação compreensiva, que traduz a conformação fisiográfica da mesma, as bacias que a integram foram classificadas em:

- Grandes bacias (as que atravessam o território de fora-a-fora - linha de costa a limite interior)
- Pequenas e médias bacias costeiras e insulares (bacias continentais que não atravessam o território do município de fora-a-fora e as bacias das ilhas e demais formações oceânicas insulares).

Ainda de acordo com a mesma fonte os rios e córregos que cortam Ubatuba são: Rio da Prata, Rio Maranduba, Rio Escuro, Rio Grande de Ubatuba, Rio Indaiá, Rio Itamambuca, Rio Puruba, Rio Iriri, Rio Fazenda, Rio das Bicas, Córregos Duas irmãs, Córrego Lagoinha, Rio Acaraú, Rio Promirim, Rio Quiririm e Rio Ubatumirim. PREFEITURA MUNICIPAL DE UBATUBA (2011)

4.2.2. Vegetação

Conforme VASCONCELOS (2008) a vegetação ocorrente ao longo da linha de costa do estado de São Paulo é popularmente denominada Mata Atlântica sendo, porém, resultado de inúmeras feições e formações vegetais associadas. O posicionamento das escarpas da Serra do Mar funciona como um obstáculo às massas de ar oceânicas carregadas de umidade que ao se condensarem originam as chuvas orográficas, características do Litoral Norte. O grande volume de precipitações pluviométricas associados às temperaturas favorece o surgimento de uma grande diversidade de espécies vegetais. Nas áreas de encosta, no interior das formações florestais, a umidade é ainda mais elevada e permite o desenvolvimento de epífitas (aráceas, orquídeas e

bromélias), lianas, pteridófitas e arbustos. A situação topográfica interfere nas formações florestais que são mais densas nos fundos de vale e grotas, permitindo a ocorrência de sub-bosque se comparadas com as matas de vertentes que são mais densas na sua parte inferior.

Ainda de acordo com o mesmo autor na planície ocorrem as formações de restinga, sobre substratos marinhos holocênicos apresentando grande variação de fisionomia e composição florística, abrangendo as formações existentes sobre os cordões arenosos. Na faixa de praia ou de primeira colonização existe a vegetação popularmente denominada de “jundu”. Após esta estreita faixa, existem as matas de *Myrtaceas* ou floresta baixa de restinga. Adentrando-se à planície ocorrem, nas depressões alagadas, as matas paludosas que são formações quase homogêneas das espécies *Tabebuia cassinoides* ou caxeta. As formações mais interiorizadas, situadas no início da encosta, apresentam composição florística contendo espécies de encosta. (VASCONCELOS, 2008)

Junto às desembocaduras dos rios, funcionando como um elo entre o ambiente marinho e terrestre, sobre substratos aluviais ocorrem os manguezais, que se caracteriza principalmente pelas suas raízes expostas que servem de escoras e contêm pneumotóforos que propiciam a respiração durante as marés altas, cutículas das folhas que secretam o excesso de sal absorvido. (VASCONCELOS, 2008)

Segundo a classificação do Projeto RADAMBRASIL (1983) a vegetação ocorrente no município é denominada Floresta Ombrófila Densa.

4.2.3. Clima

De acordo com VASCONCELOS (2008) a região situada no Litoral Norte paulista, atravessada pelo Trópico de Capricórnio, encontra-se no limite da zona tropical. Sob o aspecto climático caracteriza-se como uma das regiões mais chuvosas do país, decorrente da complexa circulação atmosférica, fruto da atuação de sistemas tropicais e

polares. Os totais de chuvas diferenciam-se ao longo das estações sazonais, apresentando padrão espacial de distribuição num mesmo local, onde a área mais chuvosa é a mesma para os vários períodos do ano.

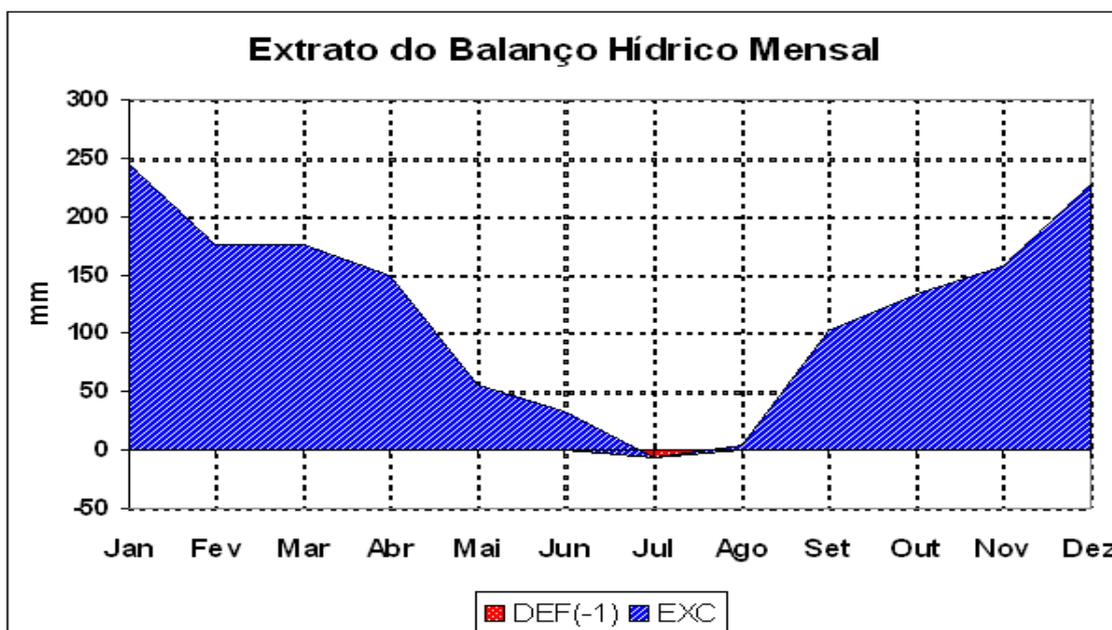


Gráfico 1: Extrato do Balanço Hídrico Mensal
Fonte: EMBRAPA (2011)

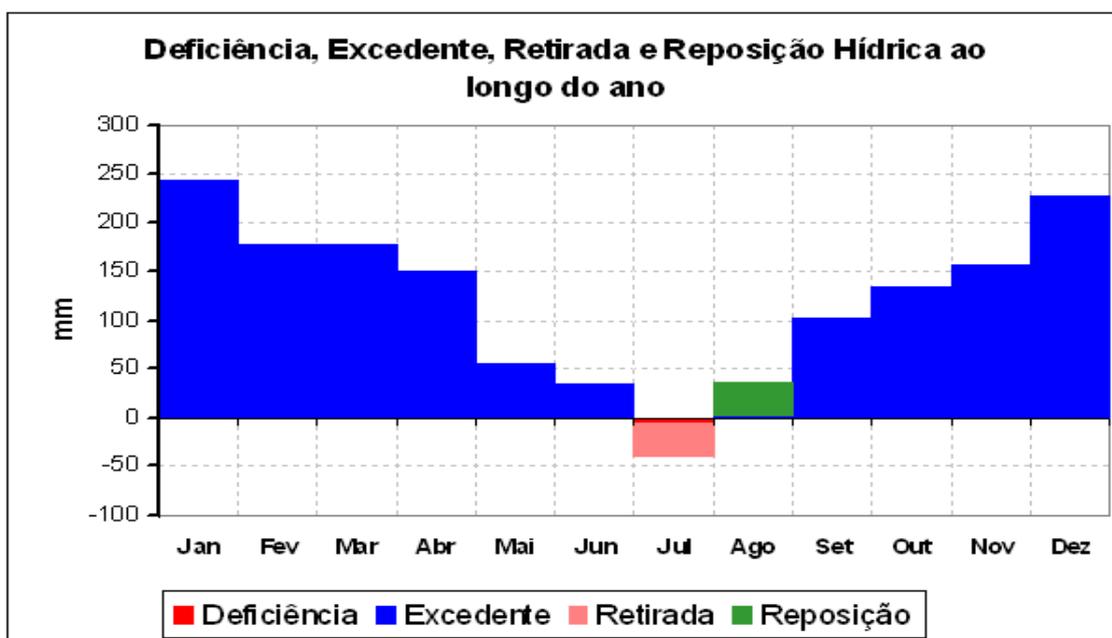


Gráfico 2: Deficiência, Excedente, Retirada e Reposição Hídrica ao longo do ano.
Fonte: EMBRAPA (2011)

4.2.4. Geomorfologia

De acordo com o projeto RADAMBRASIL (1983) o município de Ubatuba está inserido na Região das Planícies Costeiras. Esta divisão está separada por maciços, colinas e tabuleiros, sendo sua denominação decorrente de sua feição plana e proximidade da costa. Suas características geomorfológicas refletem a diversidade de ambientes e processos evolutivos, resultado de tectonismo regional e oscilações climáticas.

O setor Norte do Litoral do Estado de São Paulo é caracterizado pela existência de um grande número de reentrâncias e saliências, formando enseadas e baías. É muito comum o contato dos esporões da Serra do Mar com algumas praias sem que se tenham depósitos sedimentares. Esta configuração se deu através de controle geológico associados em menor grau a influências climáticas e eustáticas. Algumas enseadas foram preenchidas por sedimentos coluvionais no Pleistoceno e sedimentos marinhos no Holoceno, destacando-se a presença de cordões arenosos alternados em contato direto com depósitos coluvionares. (VASCONCELOS, 2008)

Ainda de acordo com o mesmo autor, a evolução das feições litorâneas está ligada basicamente às variações do nível do mar durante o Pleistoceno até o início do Holoceno, atestadas pelos níveis dos terraços existentes e pela formação mais recentes dos cordões arenosos, ainda sob atuação dos processos marinhos. As áreas de mangues são ligadas à processos de afogamento pelo mar, das desembocaduras fluviais, com baixo gradiente de escoamento, possibilitando a retenção de sedimentos. (VASCONCELOS, 2008)



Legenda do mapa:

Modelados de acumulação:

Am – Marinha. Área plana, resultante de acumulação marinha, podendo comportar praias, canais de maré, cordões litorâneos, dunas, plataformas de abrasão e terraços arenosos ou cascalhentos.

Tipos de modelados:

Ac – De enxurrada. Área Plana ou abaciada, resultante de convergência, de leques de espriamento ou da concentração de depósitos de enxurradas nas partes terminais de rampas de pedimentos, podendo originar planícies de aluviões (*bajadas*) e eventualmente apresentar depressões inundáveis com solos alodizados (*playas*).

Figura 5: Recorte de mapa geomorfológico.

Fonte : RADAMBRASIL (1983).

4.2.5. Pedologia

Segundo SÃO PAULO (1999) quanto ao aspecto pedológico no município de Ubatuba, os solos que mais se destacam são os espodossolos e os cambissolos.

Espodossolos - Atributos principais

Os Espodossolos cartografados são solos essencialmente arenosos, assemelhando-se bastante, quanto ao comportamento físico e químico, aos Neossolos Quartzênicos.

Sua fração areia é constituída predominantemente por quartzo; são, portanto, solos virtualmente desprovidos de minerais primários intemperizáveis e conseqüentemente de reservas minerais em nutrientes. (SÃO PAULO,1999)

A pobreza em nutrientes torna imprescindível a aplicação de insumos para que produções satisfatórias sejam possíveis. Contudo, em decorrência de seu baixo poder tampão, devem ser efetuadas parceladamente de forma a minimizar as perdas e evitar saturação do complexo sortivo. Apesar de severa limitação quanto à fertilidade, por ocorrerem em áreas com intensa atividade turística, a horticultura ou outro uso agrícola de grande rentabilidade pode ser compensadora. (SÃO PAULO,1999)

A textura grosseira determina baixa capacidade de retenção de água, porém o regime hídrico da região litorânea, bastante unido ao longo do ano, minimiza tal limitação. Neste aspecto, os Espodossolos Ferrocárbicos Hidromórficos apresentam maior umidade nos horizontes superiores do que os Órticos. (SÃO PAULO,1999)

São, em conseqüência da textura grosseira, muito porosos e com elevada permeabilidade. Esses atributos, juntamente com a baixa capacidade sortiva, caracterizam tais solos como pouco adequados para receberem efluentes, bem como aterro sanitários, lagoas de decantação e outros usos correlatos. (SÃO PAULO,1999)

Cambissolos – Atributos Principais

Os Cambissolos são representados por terrenos situados em relevo bastante acidentado variando de forte ondulado a escarpado e apresentam severas restrições quanto ao uso agrícola; os localizados em terrenos escarpados apresentam limitações mesmo ao uso pastoril e florestal devido à sua elevada capacidade de degradação. Tais solos apresentam elevada erodibilidade e forte a muito forte limitação à trafegabilidade a qual é ainda penalizada pelos frequentes afloramentos de rochas e pela presença de solos rasos. Com exceção dos solos situados em relevo ondulado, as limitações para aterro sanitário, depósito de efluentes e lagoas de decantação são severas, qualificando tais solos como impróprios para esses usos. (SÃO PAULO,1999)

5. RESULTADOS INICIAIS

O Sistema de Informação Geográfica utilizado no projeto é o SPRING versão 5.1.7 (CÂMARA G., FREITAS e GARRIDO, 1996) desenvolvido no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e disponíveis gratuitamente através da internet.

De acordo com o DPI (2010), Departamento de Processamento de Imagens do INPE, o SPRING constitui-se num SIG (Sistema de Informações Geográficas) no estado da arte com funções de processamento de imagens, análise espacial, modelagem numérica de terreno e consulta a bancos de dados espaciais.

A identificação da área a ser georreferenciada foi baseada em análise visual das cartas Picinguaba, SF-23-Z-C-I-3; Ubatuba, SF-23-Y-D-III-4; Cunha, SF-23-Z-C-I-1 e Lagoinha, SF-23-Y-D-III-2; todas do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 1974) com escala de 1:50.000. Desta forma o projeto foi definido como um retângulo com coordenadas (x,y) no canto inferior esquerdo em (492000, 7410000) e coordenadas (x,y) do canto superior direito em (516000, 7436000). Projeção UTM, referência horizontal Córrego Alegre.

Os dados utilizados como base de referência, projeção e altimetria provêm das cartas topográficas do IGC Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de São Paulo conforme SÃO PAULO (1978), com escala de 1:10.000 e equidistância vertical de 5m projetadas no sistema UTM (Universal Transversa de Mercator), modelo da Terra com referência horizontal Córrego Alegre (MG) zona 23, meridiano central 45° e referência vertical, Marégrafo de Imbituba (SC).

Foram utilizadas as seguintes cartas do IGC:

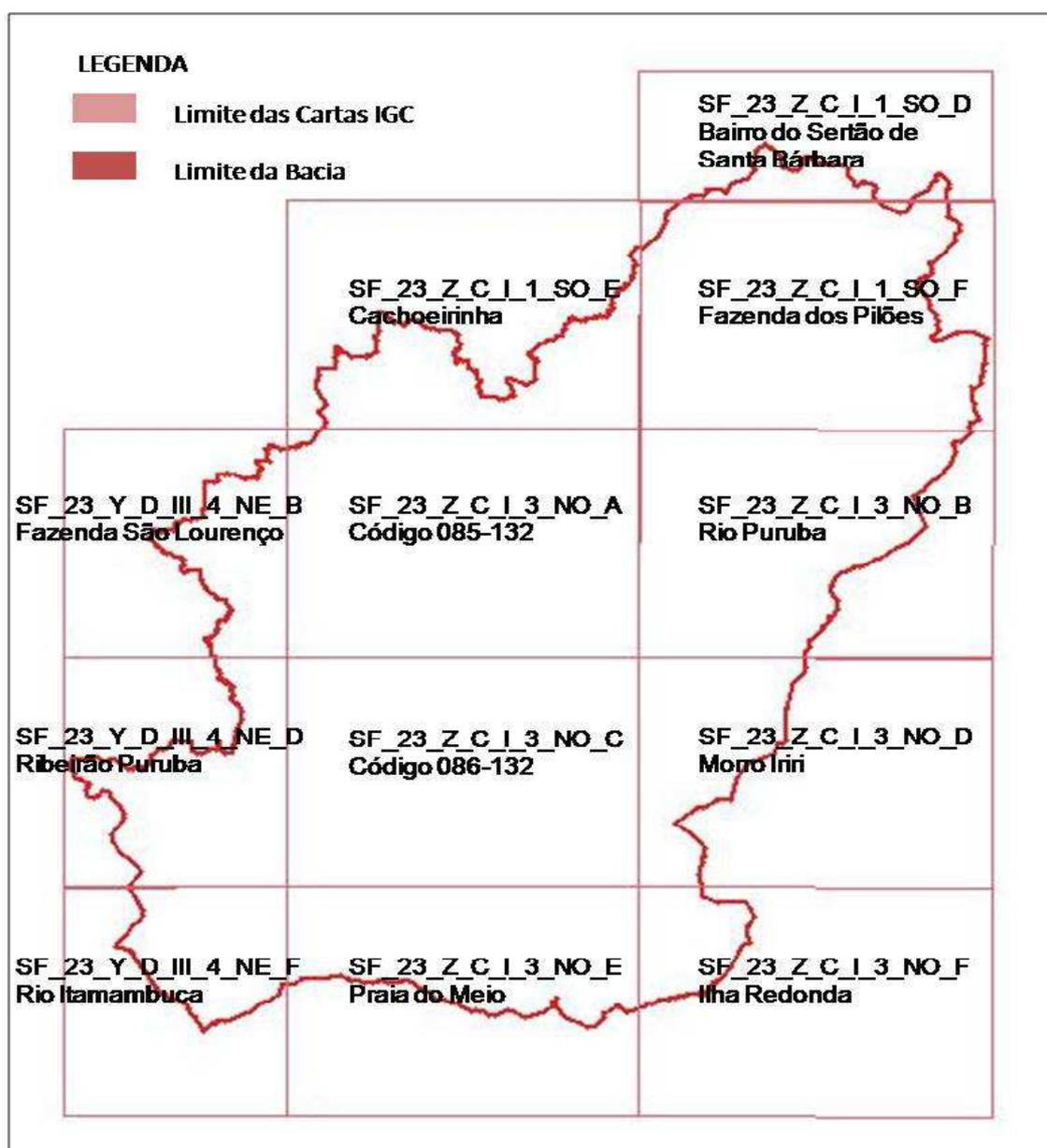


Figura 6: Articulação das cartas IGC

Posteriormente tais cartas foram registradas sendo utilizados 05 pontos de controle em cada, admitindo-se erro inferior a 0,5 pixels. Após esse processo os planos de informação gerados individualmente para cada carta foram recortados para por fim serem mosaicados em um único plano de informação correspondendo ao conjunto da imagem das cartas topográficas correspondente ao retângulo envolvente referente a área de pesquisa.

Na sequência, foram identificados os rios pertencentes a micro bacia, para sua digitalização e posterior delimitação da área que compreende a micro – bacia hidrográfica Quiririm - Puruba considerando o limite do “divisor de águas”. As curvas de nível das cartas topográficas com escala de 1:10.000 também foram digitalizadas com o intuito de se construir um modelo digital de elevação do terreno, especificamente na área correspondente a permitida para ocupação urbana.

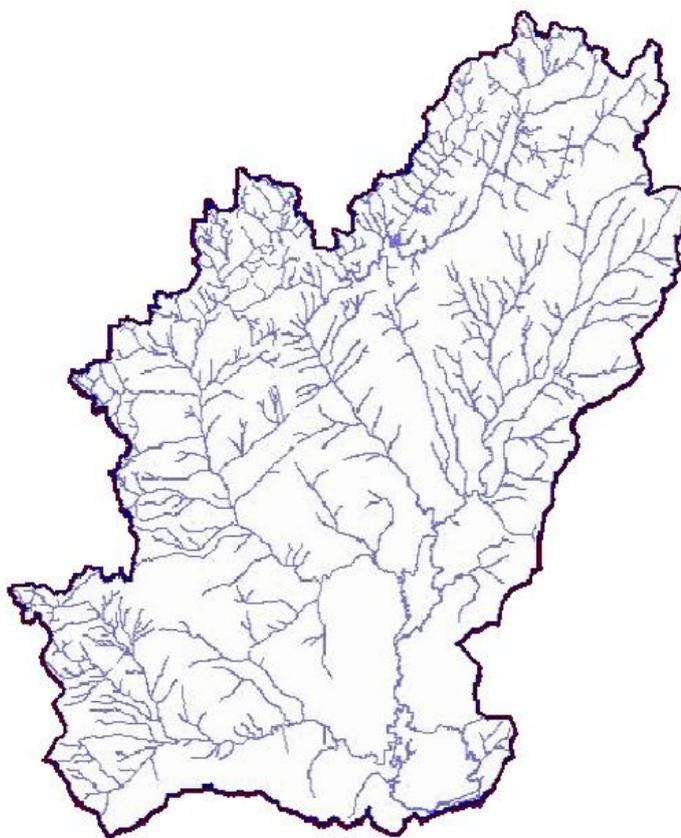


Figura 7: Plano de Informação “Drenagem”

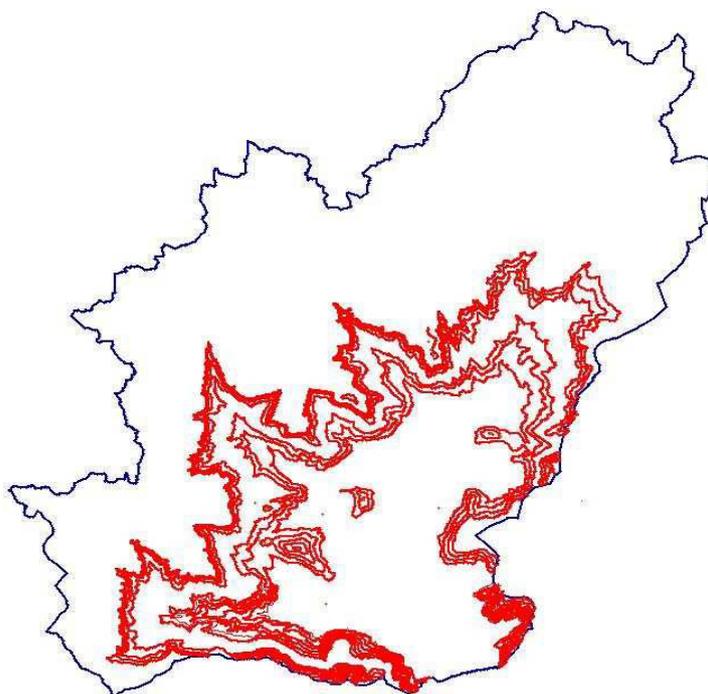


Figura 8: Plano de Informação “Curvas de Nível”

Foi importado e reprojetoado o mapa pedológico disponibilizado pela IAC – Instituto Agrônômico de Campinas SÃO PAULO (1999) assim como os dados de setores censitários do IBGE em BRASIL (2003) referentes ao município de Ubatuba, disponíveis gratuitamente no site do o banco cadastral com informações referentes à área ocupada dentro da área correspondente a micro-bacia, objeto de pesquisa.

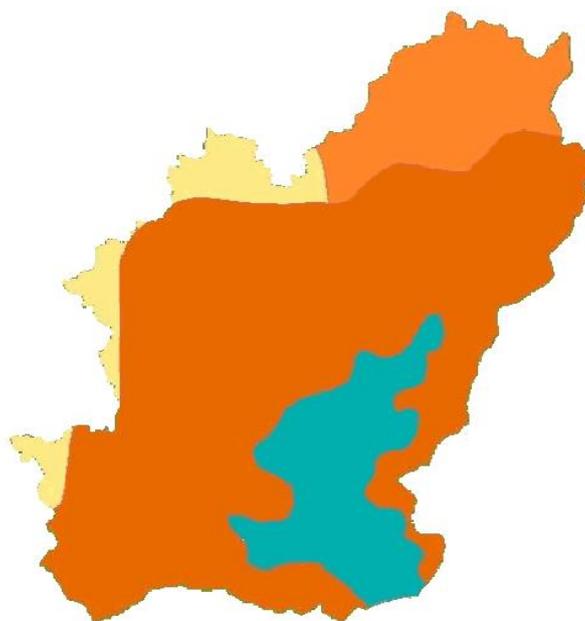


Figura 9: Plano de Informação “Pedologia”

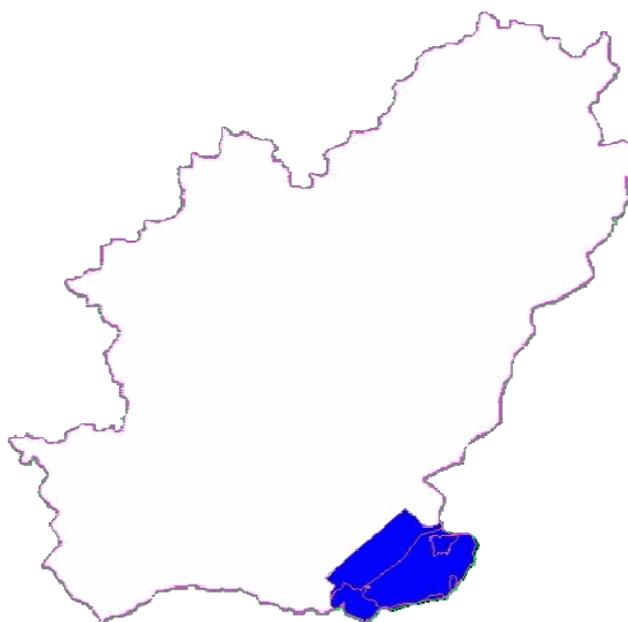


Figura 10: Plano de Informação “Setores Censitários”

Utilizou-se o mapa geomorfológico do Estado de São Paulo (ROSS, 1997), disponibilizado pelo Laboratório de Geomorfologia da USP em formato vetorial (dxf). Os dados da cobertura vegetal foram extraídos do mapa dos remanescentes florestais disponível gratuitamente na internet no site do SOS Mata Atlântica (SOSMA, 2010), também em formato vetorial (shp).

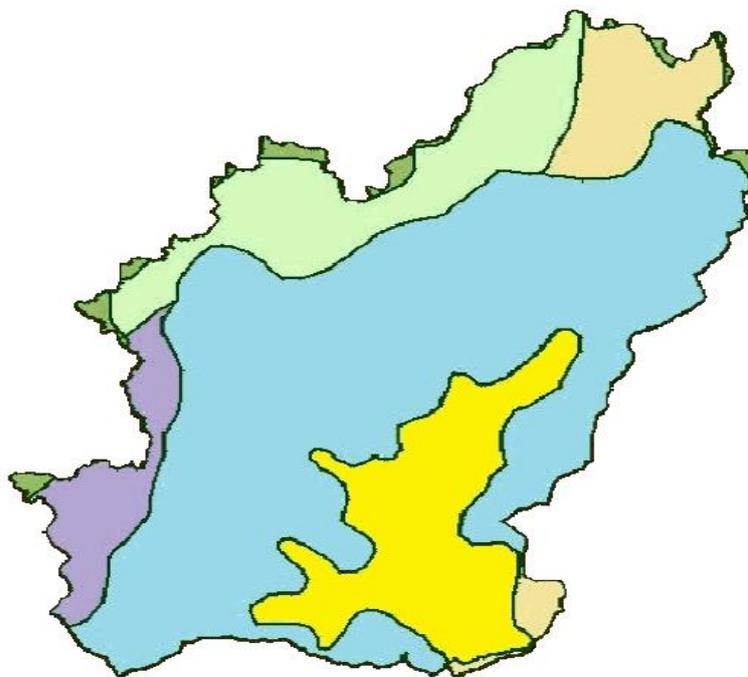


Figura 11: Plano de Informação “Geomorfologia”

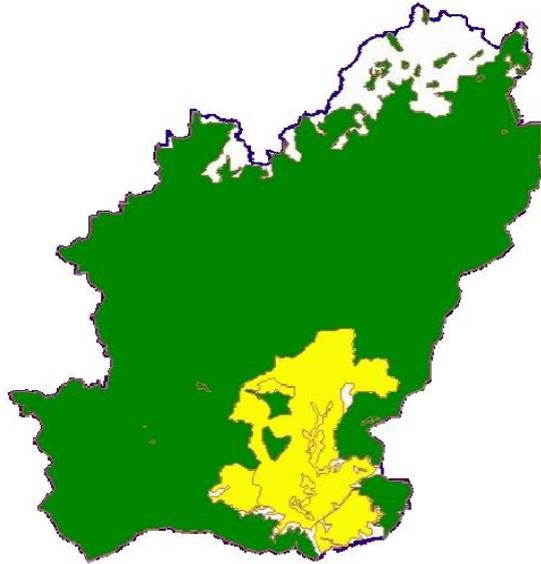


Figura 12: Plano de Informação “Vegetação”

Foi feito o download imagem Landsat do projeto Geocover USA (2010) da órbita 218 ponto 76, datada de 01 de junho de 2000 seguindo sua importação para o banco de dados. Esta imagem será utilizada como base de referência para o registro da imagem orbital, no caso deste projeto, uma imagem do Programa Francês SPOT, com resolução de 5m colorida, datada de 06 de julho de 2006 (*Système Probatoire d’Observation de la Terre*), proveniente do Projeto FEHIDRO BD-LN-50, dando sequência em sua importação e georeferenciamento dentro do banco de dados.



Figura 13: Plano de Informação “Imagem SPOT”

5.1 Mapeamento de APP's de Declividade Superior a 45° e Nascentes

Para o mapeamento de APP's de declividade superior a 45° foi utilizado como dado base amostra de Modelo Numérico de Terreno cedida pelo Projeto Topodata disponível em INPE (2011) sendo gerada posteriormente uma grade de declividade em graus, que depois de fatiada, resultou em um mapa temático com valores iguais ou superiores a 45° onde foram atribuídas à classe APP's .

O mapeamento das APP's de entorno de nascentes foi obtido utilizando-se como base o vetor da drenagem do município feito neste projeto. Após a geração do mapa e distância em metros, gerou-se um plano de informação contendo somente os pontos correspondentes às nascentes. Esse mapa foi fatiado com valores correspondente a 50 m de raio a partir do ponto central da nascente, resultando no mapeamento da classe de APP de Nascentes.

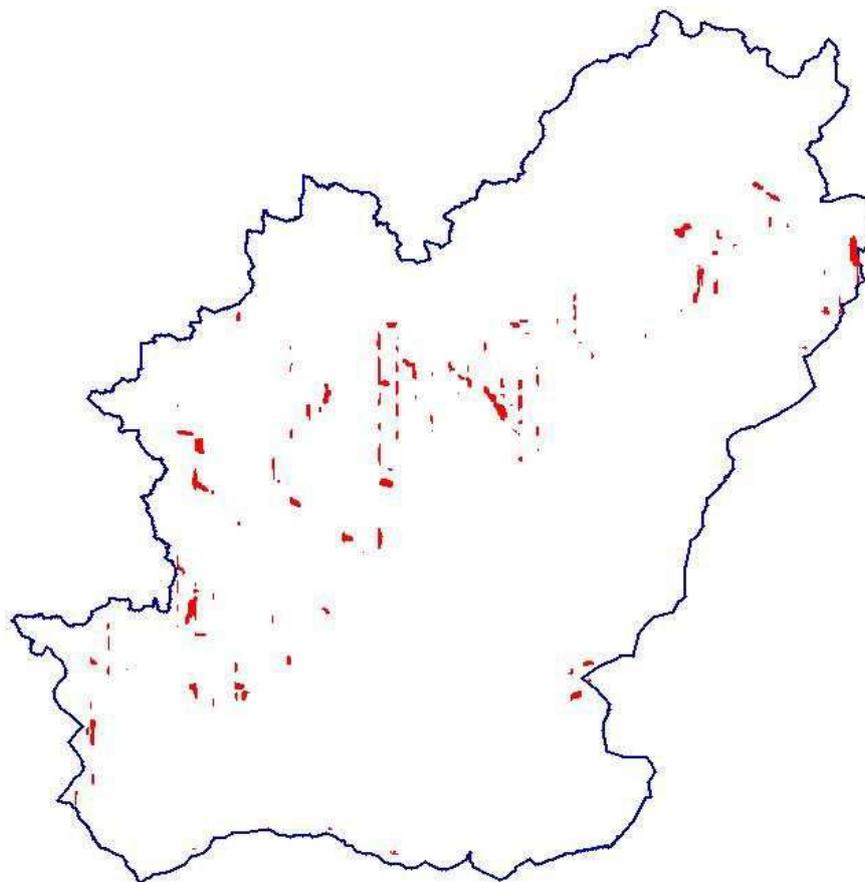


Figura 14: Plano de Informação “Declividade Superior a 45°”

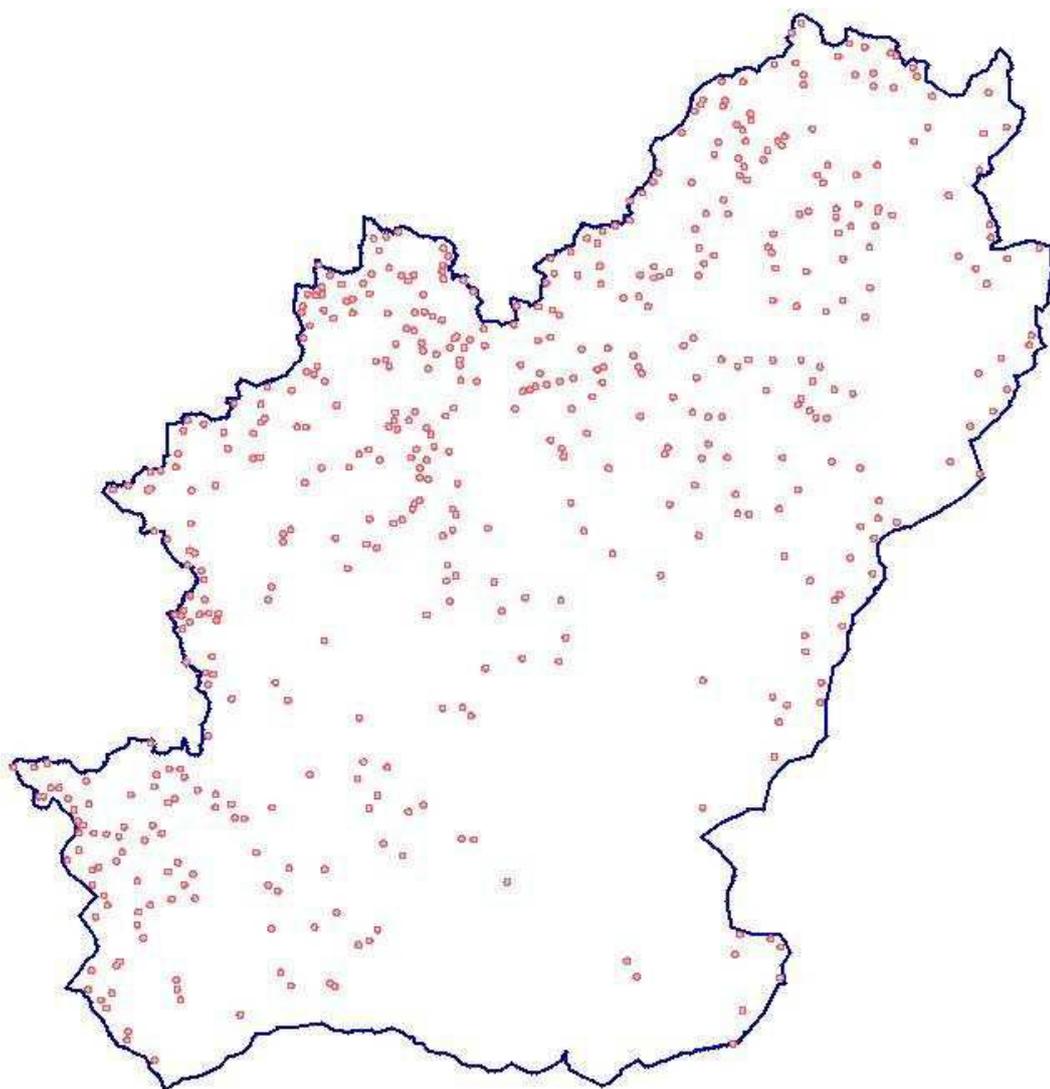


Figura 1: Plano de Informação “Nascentes”

6. PRÓXIMAS ETAPAS

A partir do banco de dados formatado o trabalho seguirá com as seguintes etapas:

a) Finalização da identificação e digitalização das curvas de nível dentro da área da bacia hidrográfica;

b) Atualizar no banco de dados as informações recentemente lançadas pelo IBGE a respeito dos Setores Censitários com ano base de 2010. (até a conclusão das etapas anteriores estavam somente disponibilizadas pelo IBGE informações até 2000);

c) Interpretação Visual da Imagem de Satélite de acordo com metodologia descrita em VALÉRIO, M., S. A. *Análise e Interpretação de dados de Sensoriamento Remoto*. Apostila. INPE, 1996.

d) Realizar a tabulação dos dados dos questionários aplicados á todos morados da micro bacia Quiririm - Puruba;

e) Confecção de novo mapa de APP de acordo com o novo código florestal;

f) Confecção do Mapa de Uso e Ocupação do Solo;

g) Confecção do Mapa de Vulnerabilidade;

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, L. S. G.; TARGA, M. S.; BATISTA G. T. **Escoamento superficial na bacia hidrográfica do Ribeirão Itaim**. Revista Ambi - Água. Taubaté, v. 2, N. 1, P. 44-56, 2007.

BARUQUI, A. M.; FERNANDES, M. R. Práticas de conservação do solo. Belo Horizonte. Informe Agropecuário, Belo Horizonte. v. 11, n. 128. p. 55-69, ago. 1985.

BASSOI, L. e GUAZELLI, M. “**Controle Ambiental da Água**”. In: PHILLIPPI JR., A.; ROMÉRO, M.; BRUNA, G.. Curso de Gestão Ambiental. São Paulo: Manole, 2004.

BOTELHO, R. e SILVA, A. “**Bacia Hidrográfica e Qualidade Ambiental**”. In: VITTE, A. C.; GUERRA A. J. T. Reflexões sobre a Geografia Física no Brasil. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Censo Demográfico 2000 – Agregado por Setores Censitários dos Resultados do Universo**. 2a edição. Documentação do Arquivo. Rio de Janeiro, 2003.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Superintendência de Cartografia. In: _____ Cartas do Brasil. Escala 1:50.000. Projeção Universal Transversa de Mercator. Rio de Janeiro: IBGE, 1974.

CÂMARA G.; SOUZA R. C. M.; FREITAS U. M.; GARRIDO J. **SPRING: Integrating remote sensing and GIS by object-oriented data modelling**. Computers & Graphics, 20: (3) 395-403, May-Jun 1996.

CHRISTOFOLLETI, A. **Geomorfologia**. São Paulo: Editora Blucher, 1980.

COELHO NETTO, A. L. “**Hidrologia de encosta na interface com a geomorfologia.**”
In GUERRA, A. e CUNHA, S. **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

DPI – Departamento de Processamento de Imagens. **O que é o SPRING ?** Disponível em <http://www.dpi.inpe.br/spring/> acessado em 24 de junho de 2012.

EMBRAPA. **Banco de Dados Climáticos do Brasil**. Disponível em <http://www.bdclima.cnpm.embrapa.br/resultados/balanco.php?UF=&COD=492> acessado em 15 de junho de 2012.

FERNANDES, M.R. e SILVA, J. C. Programa Estadual de Manejo de Sub-Bacias Hidrográficas: Fundamentos e estratégias - Belo Horizonte: EMATERMG. 24p. 1994.

INPE – INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. **Banco Geomorfométricos do Brasil**. Disponível em <http://www.dsr.inpe.br/topodata/> acessado em 12 de junho de 2012.

NOVAES, R. A. J. *et al.* **Diagnóstico sócio-ambiental da ilhas ocupadas do Litoral Norte do Estado de São Paulo**. Anais III Congresso Brasileiro de Oceanografia Fortaleza, CE, 20 a 24 de maio de 2008.

NOVO, E. M. L. M. **Sensoriamento Remoto: princípios e aplicações**. São Paulo: Editora Blucher, 2008.

PNUMA. Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. **O Dia Mundial da Água de 2010 traz soluções e apela por atitudes para a melhoria da qualidade da água no mundo todo**. Disponível em

http://www.pnuma.org.br/comunicados_detalhar.php?id_comunicados=69 acessado em 15 de julho de 2012.

PORTAL DO COMITÊ DE BACIAS HIDROGRÁFICAS DO LITORAL NORTE.
Mapa da Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos do Litoral Norte.
Disponível em <http://www.cbhln.com.br> acessado em 06 de julho de 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBATUBA. **Dados de Ubatuba.** Disponível em www.ubatuba.sp.gov.br/ acessado em 12 de julho de 2012.

RADAMBRASIL, Folhas SF.23/24 Rio de Janeiro/Vitoria; **Geomorfologia e Vegetação.** Projeto RADAMBRASIL. – Rio de Janeiro, 1983.

ROSS, J. e MOROZ, I. (realização) **Mapa geomorfológico do Estado de São Paulo: escala 1:500.000.** Laboratório de Geomorfologia, Depto. Geografia, FFLCH-USP [e] Laboratório de Cartografia Geotécnica, Geologia Aplicada, IPT [e] FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. [São Paulo, Brazil] : USP, FFLCH : IPT : FAPESP, 1997

SANTOS, R. **Planejamento Ambiental: teoria e prática.** São Paulo: Oficina de textos, 2004.

SÃO PAULO. Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Instituto Agrônomo de Campinas (IAC). **Solos do Estado de São Paulo: descrição das classes registradas no mapa pedológico.** João Bertoldo de Oliveira. Campinas – Boletim Científico nº 45. Junho 1999.

SÃO PAULO. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional do Estado de São Paulo. Coordenadoria de Planejamento e Avaliação. Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de São Paulo (IGC). In: _____ **Plano Cartográfico do**

Estado de São Paulo. Escala 1:10.000. Projeção Universal Transversa de Mercator. São Paulo: IGC, 1978.

SÃO PAULO. Secretaria do Desenvolvimento do Estado de São Paulo. Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). **Diagnóstico da Situação atual dos Recursos Hídricos da Unidade de Gerenciamento dos Recursos Hídricos do Litoral Norte** – Relatório Final. Relatório 46.172, 2000.

SILVA, A. B. **Sistemas de Informações Geo-referenciadas: conceitos e fundamentos.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, A. M. Princípios Básicos de Hidrologia. Departamento de Engenharia. UFLA. LavrasMG. 1995.

SILVA, V. A. **Relatório de criticidade de bacias hidrográficas: Banco de dados georelacional para o município de Ubatuba.** Projeto FEHIDRO BD – LN-50. Contrato FEHIDRO 032/05. FUNCATE. 2008.

SOSMA - Fundação SOS Mata Atlântica e INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. **Mapas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica. Período 2008-2010.** Disponível em <http://mapas.sosma.org.br>. Acessado em 29 de setembro de 2010.

USA – United States of America - National Aeronautics and Space Administration (NASA) - Applied Science & Technology Project Office – **Geocover Project.** Disponível em <https://zulu.ssc.nasa.gov/mrsid/mrsid.pl> acessado em 13 de setembro de 2010.

VALENTE, O.F. & CASTRO, P. S. Manejo de bacias hidrográficas. Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v. 7, n. 80, p. 40-45, mar. 1981.

VALÉRIO, M., S. A. **Análise e Interpretação de dados de Sensoriamento Remoto.** Apostila. INPE, 1996.

VASCONCELOS. A. **Análise e espacialização dos manguezais de Ubatuba, SP.**
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do título de bacharel em
Geografia pela Universidade de Taubaté, Taubaté – SP, 2008.

8. ANEXOS

ANEXO 1: Questionário aplicado na comunidade residente no entorno da micro-bacia Quirim-Puruba.

QUESTIONÁRIO
Situação da água e do esgoto

Equipe _____
 Bairro _____
 Família nº _____
 Nome do Entrevistado _____ Tel. _____
 Número de pessoas que moram na residência _____
 Grau de instrução do entrevistado () Não possui estudo (X) Ensino Fundamental ()
 Médio () Universitário
 Distância da casa para o corpo d'água () menos de 10 metros () 10 a 20 metros () de 20
 a 50 metros (X) acima de 50 metros

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Uso p/ Origem	Engarrafada	Captação Particular	Captação Comunitária	Bica	Poço
Lavar louça			X		
Escovar Dente			X		
Beber			X		
Cozinhar			X		
Banho			X		
Vaso Sanitário			✓		
Lavar Roupa			X		
Lavar Quintal			X		
Regar Jardim			✓		
Lavar Carro			X		
Piscina			X		
Outros					

- Engarrafada: Comprada, água mineral
- Captação Particular: Quando até 5 casas forem abastecidas, sendo que exista um responsável pela manutenção da captação.

ORIGEM DA ÁGUA

Corpo D'água (nome ou identificação): Cachoeira do MEIO

Captação Alternativa (Particular e que atende até 3 residências, sendo que o corpo d'água localiza-se no quintal ou próximo)

Corpo D'água: _____

- Captação Comunitária (que atende mais de 3 residências), como a água chega na casa?

Cano

Mangueira

Não sabe

Tratamento SIM

NÃO

NÃO SABE

Se sim, Qual material

Não Sabe

Peneira

Cloração

Reservação

Filtro

Outros

Corpo D'água onde captou: Cachoeira do MEIO

NA CASA

Possui Caixa d'água SIM

NÃO

Se sim, Qual material?

Desconhece

Latão

Plástico

Fibra

Amianto

Alvenaria

Outros _____

É tampada SIM

NÃO

Se sim

Eficiente

Não Eficiente

Localização da caixa d'água:

Fácil Acesso

Difícil Acesso

Como é feita a limpeza? Maneira: Correta
Incorreta

Data da última limpeza

14/03/07.

TRATAMENTO DE ÁGUA NO DOMICÍLIO

	Filtração		Fervura		Cloração		Sem Tratamento
	C ()	E ()	C ()	E ()	C ()	E ()	
Beber							<input checked="" type="checkbox"/>
Cozinhar							<input checked="" type="checkbox"/>
Escovar os Dentes							<input checked="" type="checkbox"/>

C(Correto) E (Errado)

CARACTERIZAÇÃO DO POÇO E SEU ENTORNO
(15 metros ao redor da casa)

- * Caracterização da Construção: Calçada no entorno
 Altura em relação ao nível do solo maior que 1,20m
 Coberto
 Revestimento interno

- Madeira
 Terra
 Tijolo
 Cimento
 Outros: _____

• Profundidade Estimada: _____

• Localização

Está acima das ocupações (Casas e Construções)

Está abaixo das ocupações (Casas e Construções)

• Identificação das fontes de poluição próximas ao poço (15 m a 30 m)

- Fossa
- Local de disposição de lixo Canil
- Criação de animais (porcos, galinhas, vacas)

Outros: _____

• Bica

- Tipo Superficial
- Subterrânea (a água mina de dentro da pedra)

• Ocupação acima da bica

- SIM NÃO Se sim, Quantas casas? _____

DISPOSIÇÃO DE ESGOTO

Origem Destino	Fossa Negra	Fossa com tratamento	Céu aberto	Rio ou Córrego	Escorre pelo terreno	Outros
Pia					X	
Banho					X	
Descarga	X					
Cozinha					X	
Tanque					X	
Ducha					X	
Chuva					X	
Piscina					X	
Outros						

Saúde da Família – sondagem:

Problema de saúde freqüentes na família:

Adultos: _____

Crianças: _____

Causas identificadas para prováveis problemas citados:

Índice de qualidade de vida – pontuar de 0 a 2 cada tópico:

Situação	Bom (2)	Médio (1)	Ruim (0)
Limpeza interna da casa		X	
Limpeza externa		X	
Higiene pessoal	X		
Iluminação da casa		X	
Ventilação da casa		X	
Presença de animais nocivos		X	
Desmat. Ou degradação do entorno			X
Situação sanitária geral		X	
Total	5		

Bom – 2 pontos (16 a 12) Médio – 1 ponto (11 a 7) Ruim – 0 ponto (6 a 0)

Até que ponto você estaria disposto a colaborar com a qualidade de vida ao seu entorno?

() Total (X) Parcialmente () não gostaria de participar

Observações: _____

Data: 23/08/2017

Nome e Assinatura do Agente Censurador